

Prólogo

A sala da biblioteca ondulava levemente, tendo por cúmplice o mar, que, agitado, sacudia o navio ancorado a poucas milhas náuticas do porto de Cagliari. As ondas, frenéticas, embatiam no casco com golpes surdos, como se teimassem em acordar os passageiros submersos no sono, tornando-os conscientes do horror que acabara de ser consumado.

Os candeeiros a óleo abanavam, projetando sombras inquietas sobre as estantes a transbordar de livros. Naquele clarão incerto, o corpo de um homem jazia tombado de costas sobre a secretária de ébano, o rosto esmagado contra as páginas de um romance escrito à mão; um líquido quente e viscoso espalhava-se pela roupa e pelo chão lúcido, de onde sobressaíam fragmentos de cristal e gotas de um líquido cor de âmbar. Uma caneta de tinta permanente *Parker*, abandonada um pouco mais à frente, junto a um cachimbo de estilo antigo, do qual exalava um fio de fumo, parecia fazer parte de um cenário orquestrado com requintes macabros.

Os odores pungentes da tinta, da bebida destilada e do tabaco misturavam-se ao eflúvio porventura mais acre do sangue.

Uma sombra ameaçadora projetava-se atrás do escritor. No claro-escuro vacilante, o assassino contemplava a sua obra com uma calma involuntária, evocando um artista que observa um quadro pintado de fresco. De repente, animou-se, como que acordado de um sonho. Mexeu-se com uma precisão cirúrgica: agarrou na mão do morto e, com dedos firmes, molhou os dedos já inertes na ferida ainda quente. Usando-os como aparo, apagou a frase final da última página do manuscrito, que rezava: *«Não havia mais nada a fazer senão... morrer. Uma chuva fina caiu sobre ele, e foi essa a sua extrema-unção.»*

O sangue derramava-se devagar, ultrapassando as letras traçadas e impregnando a folha. Com um gesto lento e deliberado, o assassino escreveu recorrendo ao dedo indicador do defunto:

FIM

As gotas carmesim escorreram dos dedos para a página num silêncio irreal. A luz trémula revelava as letras de sangue com uma ênfase cruel, tornando a cenografia fortemente espectral.

Todo o ato parecia permeado por uma horripilante ironia: um final que poucos decerto compreenderiam.

«Conclusão perfeita», sussurrou num tom que traía um certo agrado, reposicionando a *Parker* entre os dedos do cadáver. Depois de ajustar o livro com uma precisão a roçar a obsessão, virou-se e saiu da biblioteca, dirigindo-se para o convés.

Lá fora, o vento rugia, espalhando o odor salobro do mar. O céu bruxuleava de estrelas. Um firmamento inefável e insensível perante o delito recém-cometido.

Um a um, os objetos incriminatórios escorregaram-lhe das mãos, abismando-se entre as ondas como um tributo ritual às águas negras:

luvas, peruca e uma máscara, que por segundos reverberou a luz dos astros, dissiparam-se entre as cristas de espuma.

O mar engoliu, cúmplice, todas as provas.

Sorriu. Apoiou-se no parapeito e desembrulhou um rebuçado de morango. O barulho do celofane parecia um aplauso abafado ao seu espetáculo. Levou-o à boca: o sabor doce derreteu-se contra o amargor do ar salgado; chupou-o com uma despreocupação infantil, desfrutando daquele instante de paz como se nada tivesse acontecido.

Regressou ao camarote em bicos de pés. A porta abriu-se e voltou a fechar-se com um leve rangido. Deitada na penumbra, uma figura esperava por ele. Sem dizer uma palavra, o assassino aproximou-se e beijou com paixão a amante, trêmula e impaciente. Não havia rasto de hesitação ou culpa, era como se o crime fosse um capítulo fechado. Condenado ao esquecimento.

Despiu-se e enfiou-se entre a roupa da cama lavada.

Algumas palavras sussurradas, outras tranquilizantes, e ficaram rodeados por um pacífico silêncio.

Passados minutos, o sono envolveu ambos os corpos quentes e cúmplices.

No convés, entretanto, dois olhos amarelos reluziam no escuro.

Depois, surgiu um segundo par.

Miss Marple e Poirot, espectadores invisíveis de toda a cena, entreolharam-se momentaneamente. As silhuetas eram negras como o pecado do qual tinham sido testemunhas; o pelo luzidio brilhava como a sua argúcia.

Os olhares voltaram ao local onde o assassino se desfizera das macabras ferramentas que utilizara.

O seu cheiro perdurava no ar.

Dando um salto felino, os dois gatos desapareceram na noite sideral, deixando o mar tumultuoso a guardar aquele segredo funesto.

Duas semanas antes

Há já algum tempo que Marzio Montecristo ganhara o hábito de confabular com os dois gatos que tinham tornado famosa a sua livraria, Les Chats Noirs. Mais do que falar, resmungava. Lamentava-se. Acusava-os de lhe terem arruinado a vida. Esmiuçava-lhes os enredos dos romances cada vez mais insípidos que as editoras publicavam na onda de alguns êxitos no estrangeiro ou os pedidos estrambólicos dos clientes.

Por regra, continha-se e circunscrevia estes diálogos — melhor dizendo, monólogos — aos momentos em que se encontravam sozinhos no estabelecimento. O que, convenhamos, acontecia com frequência. Com efeito, aquele homem alto e magro, de olhos melancólicos e rosto ossudo, possuía uma aura irascível que afastava os potenciais compradores. Os poucos que entravam, ao dar de caras com o intratável livreiro, viravam costas e iam-se embora, quase como se Montecristo emanasse vibrações negativas, que ele, por sua vez, atribuía aos dois bichanos.

Nas últimas semanas, porém, algo mudara. Os solilóquios tornaram-se mais assíduos e alturas havia em que não se interrompiam sequer na presença dos clientes, que assistiam,

incrédulos, àqueles acessos de fúria e dispersavam, amedrontados e envergonhados.

Talvez a causa residisse no aumento da renda: duzentos e cinquenta euros mais alta, porque a proprietária estava empenhada em pagar à filha um casamento de estadão, como se a felicidade da noiva valesse o preço do seu desespero. Ou, se calhar, a culpa recaía na distribuidora de livros, que não acertava uma entrega nem por engano, deixando-o com estantes meio vazias, zero novidades e evidente escassez de clientes, que não tinham outra saída senão dirigir-se a outra livraria. Acentuadamente verosímil, contudo, era a hipótese de que a debandada se devia à perfeita consciência de que Angela Dimase, a mulher por quem Montecristo vivia apaixonado há uma eternidade, se encontrava em lua-de-mel a bordo de um navio de cruzeiro que a levava, bem como ao presente marido, a passear pelo mundo. Volta e meia chegavam ao estabelecimento os postais enviados de lugares paradisíacos, que, aos seus olhos, representavam autênticas punhaladas no coração.

A verdade é que Marzio começara a falar com os gatos com maior frequência, num tom irritado que se misturava com o barulho do trânsito do outro lado dos vidros da montra.

— Fizeram-ma pagar, não foi? — murmurava, olhando para eles fixamente. — Lixaram-me bem lixado, seus sacanas. E eu que me armei em bom e me borrifei para a superstição que paira à volta dos gatos pretos. «Sê racional, não podes acreditar nestas estúpidas superstições do povo!» Então, não... Ameaçam levar-me à ruína. Desde que entraram por aquela porta, é como se eu tivesse assinado um contrato vitalício com o azar. Por coincidência, ou não, acartaram também carradas de problemas. E enquanto vocês andam para aí a mandriar e a comer à borla, deixando-se acariciar e fotografar como primas-donas, continuo a dar cabo das costas por dois tostões e a arriscar-me a sofrer um esgotamento nervoso

devido a estas psiques instáveis às quais nem sequer posso chamar clientes, dado que nunca compram nada.

Os dois gatos, plácidos e imperturbáveis, observavam-no com aquele ar pachorrento e enigmático que só os felinos possuem, ignorando-o como se faz a um parente que à mesa ergue um pouco demais o cotovelo. E, contudo, naqueles inquietantes olhos amarelos, Marzio lia um julgamento silencioso, como se soubessem tudo. Demasiado. E isso deixava-o piorso, porque se sentia como um louco a confidenciar segredos ao psiquiatra, que anuí-a, condescendente, concordando com ele, enquanto no seu bloco de notas escrevinhava DOIDO A INTERNAR. E não só. Havia algo de profundamente humilhante, uma dor surda que se lhe aninhara no peito e que se manifestava sempre que ele pronunciava aquelas palavras em voz alta; como se, confidenciando-as aos gatos, se tornassem mais concretas. Porque, no fundo, Marzio sabia que se o negócio corria mal, a culpa não era de *Marple* e *Poirot*, nem sequer dos clientes. A culpa era unicamente sua, que seguira uma opção empresarial suicida. Já para não referir as escolhas pessoais e existenciais, que o tinham condenado a uma solidão dilacerante.

Apesar disso, e de forma paradoxal, tornara-se extremamente ciumento daqueles gatos, com os quais alimentava uma relação visceral de amor e ódio.

De resto, teve a demonstração retumbante disso mesmo precisamente naquela manhã, passava uma dezena de minutos da abertura, assim que uma senhora de meia-idade entrou e, sem cumprimentar, começou a deambular, com um ar impante, por entre as estantes e os expositores de livros.

— Bom dia também para si — balbuciou Marzio sem que ela se dignasse sequer dirigir-lhe um olhar. — É o costume. Toda a gente economiza palavras para poupar as cordas vocais... — murmurou, voltando ao PC, onde estava a tentar perceber como raio fora uma encomenda de trinta novidades parar, em vez de Cagliari,

a Tropea, na província de Vibo Valentia, que não ficava propriamente ao virar da esquina.

Miss Marple dormitava em cima de uma pilha de *A Noiva Vestida de Preto*, um esplêndido *noir* de Cornell Woolrich, um dos romances de eleição — logo, um dos mais vendidos no estaminé —, enquanto *Poirot* vigiava a cliente, altivo como uma esfinge, do alto de uma pirâmide de livros de Alicia Giménez-Bartlett, uma das autoras prediletas de Patricia, a colaboradora de Montecristo, que ainda não chegara ao trabalho.

Pouco depois, desgastada por não encontrar o que pretendia, a mulher dirigiu-se ao livreiro.

— Desculpe, onde está Antonio Manzini?

Sem tirar os olhos do ecrã, Marzio respondeu:

— Em casa, minha senhora, calculo. Onde quer que esteja?

A cliente perdeu a cor. Deu alguns passos para trás, pronta a dizer-lhe poucas e boas, porém, mal avistou os bichanos, soltou um grito que sobressaltou Montecristo.

— Meu Deus, livre-se deles! Já! Sou alérgica a gatos — bradou, de forma histriónica. — Vá, enxote-os, antes que me sinta mal.

Marzio deslocou os olhos da senhora para os bichanos, estupefacto.

— Do que raio está à espera? — insistiu a mulher, agressiva. — Expulse-os daqui, sou altamente alérgica. Percebe ou faz-se de parvo?

— Claro que estou a perceber — suspirou o livreiro. — Percebo muito bem, porque, sabe, também eu sou altamente alérgico. A idiotas. Por isso, façamos um favor à saúde um do outro: eclipse-se daqui.

— Como?!

— Sim, é uma alergia que tenho desde que nasci, para mal dos meus pecados. E quanto mais uma pessoa é idiota, mais os sintomas me incomodam. Dado que já estou a sentir uma forte comichão nos braços e que os adenoides começam a ficar inchados,

depreendo que a senhora, sem ofensa, seja uma idiota de primeira categoria. Logo, um perigo potencialmente mortal para mim, que sou uma pessoa *muito* alérgica. Por gentileza, faça-me o favor de sair porta fora. Ah, e não volte. É uma questão de saúde pública.

— Como se...

— Rua! — ordenou, perentório, Montecristo, apontando para a saída.

Só nesse preciso segundo se apercebeu de que à porta, petrificada de tão incrédula, estava Patricia, pronta a começar a trabalhar.

— É inacreditável. Vou fazer queixa de si. Vou denunciá-lo! Desaconselho-a a entrar, aquele homem é um louco perigoso! — disse a cliente agitada à rapariga de origem eritreia, que se absteve de lhe confessar que o dito «louco perigoso» era o seu patrão.

— Vem aí descasca... — vociferou Marzio em voz baixa, voltando ao centrar a sua atenção no computador.

Patricia fechou a porta, agarrou no primeiro livro que alcançou, percorreu o corredor a passos largos e depois, com toda a força que tinha no corpo, atirou o tomo a Montecristo. O livro era de Ken Follett, um autor que não se poupa no que diz respeito ao número de páginas. O referido romance, em particular, tinha novecentas e noventa e nove delas... Páginas. Edição de capa dura, cosida. Praticamente uma arma mortífera. Atingiu o livreiro na cabeça, por pouco não lhe causando um traumatismo craniano.

— Estás parva? — gritou Marzio.

— Eu? Ah, eu é que sou parva? — ripostou, piurisa, a rapariga, que, doce e imperturbada para com os clientes, se transformava numa leoa na presença do dono. — Tens noção do que acabaste de fazer? Pela milésima vez, ainda por cima.

— Pois a fulana merecia pior.

— Limitou-se a dizer que era alérgica a gatos!

— Não foi propriamente a substância, mas sim o modo como se expressou.